



A CONCEPÇÃO DE MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE HILDA DE SOUZA

Kedna Karla F. da Silva

Universidade Federal da Paraíba/ kednakarla@gmail.com

Alba Lúcia Nunes G. da Costa

Universidade Federal da Paraíba/ profalbalucia@gmail.com

Sandra Silvestre do Nascimento Silva

Universidade Federal da Paraíba/ igorianny123@hotmail.com

Wanderléia Farias Santos

Universidade Federal da Paraíba/wanderleiabr@hotmail.com

RESUMO: O presente estudo que teve como objetivo central analisar a concepção de magistério primário de Hilda de Souza. Sendo, a construção e os resultados deste trabalho, fruto de uma pesquisa de mestrado, cuja dissertação é intitulada, *Memória entre Papeis: tessitura das práticas docentes de Hilda de Souza (1948-1953)*. Tendo como aporte teórico – metodológico o campo na Nova História Cultural por compreendermos que essa corrente historiográfica ampliou as fontes e objetos de estudo para o fazer historiográfico da História da Educação brasileira. Ancorados nas contribuições da história oral, da memória, e de um estudo de gênero como categoria de análise no trato com as fontes, bem como, no desvelamento dos depoimentos desta educadora acerca de suas práticas docentes no exercício do magistério. Desse modo, temos como mote nas páginas seguintes a compreensão da concepção de magistério de Hilda de Souza através de uma desmistificação dos termos “vocação, missão” entre outras terminologias, por ela usada ao se referir a profissão do magistério. Assim, é sob as “lupas” dos autores LOURENÇO FILHO (2001), CHAMON (2005), SCOTT (1990), dentre outros autores que situados à luz de vossas respectivas epistemologias buscaremos analisar as construções que historicamente foram cristalizando as concepções acerca do magistério.

Palavras-chave: História da Educação, Hilda de Souza, magistério, gênero.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

INTRODUÇÃO

A alocução a seguir tem como objetivo analisar a concepção de magistério de Hilda de Souza com base num estudo de gênero, uma vez que buscamos compreender como se deu essa construção simbólica do significado de *vocação*, associado à carreira profissional do magistério primário. Logo, a construção e os resultados deste trabalho são parcelas de uma pesquisa de mestrado, intitulada, *Memória entre Papéis: tessitura das práticas docentes de Hilda de Souza (1948-1953)*.

Gênero, entendido enquanto uma categoria comum às relações entre homens e mulheres, que rejeita as explicações sobre as posições sociais hierárquicas entre esses dois sexos com base em determinações puramente biológicas. Sendo o gênero um resultado cultural produzido e reproduzido no ciclo das estruturas sociais. Assim, compreendemos que:

Embora num sentido mais restrito o estudo de gênero referia-se ao estudo que tem a mulher como objeto; num sentido amplo este deve ser entendido como uma construção social, histórica e cultural, elaborada sobre as diferenças culturais. Portanto o conceito de gênero não se refere especificamente a um ou a outro sexo, mas, sobre as relações que são socialmente construídas entre eles. Essas relações estão imbricadas, por sua vez, com as relações de poder que revelam os conflitos e as contradições que marcam a sociedade ALMEIDA (1998, p.40).

Nesta perspectiva, analisar a ação docente de Hilda de Souza através da nos possibilitou compreender o sentido que a educação possuía no recorte temporal ao qual nos reportamos, bem como, qual a sua concepção de magistério.

O trabalho foi fundamentado a partir das contribuições da Nova História Cultural – NHC¹, corrente esta, que possibilitou a inovação, e ampliação das fontes para a História da Educação, tornando histórias de vida antes esmaecidas pela escrita da história, objeto de pesquisa e de análise. Assim, fizemos uso da história oral como uma técnica de pesquisa, que subsidiou este trabalho, transformando-se posteriormente em fonte oral, pois, “quando a documentação oral for apreendida por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de registro torna-se fonte oral” MEIHY; HOLANDA (2010, p.14). Neste sentido, vemos ainda que:

A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisas, que determinam quantas e quais as pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido (ALBERTI, 2006, p.155).

¹ Faremos uso da sigla NHC para remeter a Nova História Cultural.
(83) 3322.3222



Confiantes de que é possível reconstruir tramas sociais de um dado contexto conduzido por um destino particular, compreendemos assim como menciona GINZBURG (1989), que a reconstrução do vivido é a ponte para a apreensão da complexidade das relações sociais. Desse modo, apresentamos como princípio orientador da discussão aqui presente o próprio itinerário da pesquisa, muitos foram os encontros com Hilda de Souza, nos quais, identificamos em várias passagens de seus depoimentos o uso de representações simbólicas ao se referir à sua profissão. “Vocação, dom, missão, chamado de Deus” estes, são alguns dos termos expressos por ela ao justificar a sua escolha pela carreira do magistério primário, os quais serão alvos da análise a seguir.

METODOLOGIA

Favorecermos um diálogo com a Nova História Cultural, para melhor compreensão da contribuição que este trabalho tem a contribuir através do objeto de estudo em questão, é nossa finalidade. Reflexões sobre o que é a NHC e qual a sua relação com a História da Educação, estarão permeando a alocução que segue.

Ressaltamos que é o objeto de estudo da referida pesquisa que proporciona toda essa eloquência. Evidenciamos que o debate acerca da NHC possibilita compreender a partir das raízes históricas contidas em um passado, como se deram as reais possibilidades de desenvolver pesquisas historiográficas no tempo presente.

Como já expressamos, o método que conduz este estudo é o biográfico. Utilizaremos a história oral, segundo o que classificamos como técnica de pesquisa na coleta de dados, uma vez que fazemos uso de entrevistas. Norteados pela incipiência de aproximarmos o leitor da concepção e das contribuições da Nova História Cultural, para as pesquisas historiográficas, acreditamos que esta simetria corrobora com a compreensão de qual seja a relação da NHC com esta pesquisa. Compreendemos a Nova História Cultural, segundo um movimento que acontece em meados do século XX na França. Este inova as estruturas do fazer historiográfico, admitindo novas possibilidades de pesquisas em contraponto ao que até então era legitimado como fonte para o historiador. É uma nova tendência historiográfica, que abrange novas formas de interrogar a realidade e as fontes existentes e, concomitantemente, faz emergir homens e mulheres comuns, a partir de suas práticas culturais e experiências cotidianas como menciona BURKE (2005).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Assim, se faz contrária aos clássicos paradigmas historiográficos, pois, para os historiadores contemporâneos tudo tem história e tudo muda de acordo com o tempo e o espaço. Assim, compreendemos que:

Num contexto de mudanças e rupturas nas pesquisas históricas. Podendo identificar na mudança nos anos 1970 ou mesmo um pouco antes, com a crise de maio de 1968, com a guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo, o surgimento da *New Left*, em termos de cultura, ou mesmo a derrocada dos sonhos de paz no mundo pós-guerra. Foi quando então se insinuou a hoje tão comentada crise dos paradigmas explicativos da realidade, ocasionando rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História”. PESAVENTO, (2005, p.8).

A denominação de Nova História Cultural pode ser ainda entendida como sendo uma “expressão, [...], as vezes utilizada para os desenvolvimentos ocorridos nos anos 80, período em que a reação contra o paradigma tradicional tornou-se mundial, envolvendo historiadores do Japão, da Índia, da América Latina e de vários outros lugares” BURKE (2005, p. 16-17).

Desse modo, o fazer historiográfico ganha novas conotações, passando a ser compreendido a partir da NHC, que é tida como sinônimo de novas maneiras e novas perspectivas de registrar a história.

Esse momento de mudanças no fazer historiográfico, em contraponto ao paradigma historiográfico tradicional, pode ser compreendido como:

[...] um esgotamento de modelos e de um regime de verdades e de explicações globalizantes, com aspiração à totalidade, ou mesmo de um fim para as certezas normativas de análises da história, até então sistemas globais explicativos passaram a ser denunciados, pois a realidade parecia mesmo escapar a enquadramentos redutores, tal a complexidade instaurada no mundo pós-Segunda Guerra Mundial PESAVENTO (2005, p.8-9).

A Nova História Cultural está associada às questões contemporâneas, mas foi só em meados do século XX que aconteceram modificações no conceito de cultura e na concepção de História. Destarte, o conceito de cultura perpassa o significado que até então era estabelecido sobre cultura, resgatando o cotidiano, costumes e valores das pessoas comuns. CARLOS GINZBURG (1997) em sua obra *O queijo e os vermes* demonstra uma circulação existente entre essas esferas, ao analisar a reciprocidade entre as mesmas pelo viés cultural, erudito e popular.

Diante das considerações aqui inferidas sobre a chamada Nova História Cultural, reforçamos que os novos significados atribuídos ao conceito de cultura, favorecem uma ampliação das fontes disponíveis ao trabalho do pesquisador, bem como das abordagens feitas destas. Nesta perspectiva



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A historiografia adquire uma abrangência muito maior, criando um campo do conhecimento cuja finalidade é refletir e compreender as formas pelas quais as sociedades elaboram suas representações sobre as ações humanas no passado e como é possível contá-las CORDEIRO (2003, p. 32).

Retomando o método que conduz esta pesquisa, é importante externar que foi neste contexto de rupturas com o fazer historiográfico tradicional que houve a retomada do método biográfico, ou a chamada redescoberta da biografia. Assim

(...) o que remete principalmente a experiências no campo da história atentas ao 'cotidiano', a 'subjetividades outras': por exemplo, a história oral, os estudos sobre cultura popular e a história das mulheres. O desejo de estender o campo da história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico LORIGA (1998, p.226-227).

Diante de todas as circunstâncias aludidas, enfatizamos o “aparecimento” da figura feminina, ou seja, a percepção que foi alçada sobre a importância e a contribuição da mulher para a historiografia da educação. Este reconhecimento acontece através das novas abordagens que reconhecem novos objetos de estudos para a historiografia educacional.

Procuramos demonstrar que a reestruturação no campo historiográfico promovido pela Nova História Cultural foi crucial para que atualmente as pesquisas acadêmicas pudessem reconhecer como relevante pesquisar sobre as práticas pedagógicas de uma simples professora, bem como outras distintas temáticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

[...] “vejo como uma vocação.

Eu acho que Deus me deu essa missão de ensinar”.

Hilda de Souza (2011)

Falar do magistério-primário é ir além do óbvio, de que essa é uma carreira caracterizada pela predominância feminina que a exerce. É um revisitar ao passado da História da Educação brasileira, da cultura de nossos antepassados que fizeram à história, isto significa, revisitar a História da Educação, uma vez que o processo histórico do magistério primário acontece em meio às transformações sociopolíticas e econômicas presentes nos diferentes momentos dessa sociedade, em que simultaneamente acontecem as transformações culturais.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Fazer esse retrospecto permite refletir sobre a construção do processo de feminização do magistério primário, o que explicaria as afirmações que se reproduziram historicamente por força das imposições culturais sobre o magistério primário afirmando-o como uma profissão feminina, dividindo e estabelecendo a posição a ser ocupada pelo homem e pela mulher na sociedade.

Compreendemos a carreira profissional do magistério primário assim, como a imagem social dos profissionais desse campo, a partir de resultados de uma longa trajetória, que foi construída historicamente entre tabus e estereótipos, daí, propiciarmos uma análise de gênero sobre a concepção de vocação usada historicamente como justificativa de algumas professoras do ensino primário, e em especial, a de Hilda de Souza em razão da escolha dessa profissão.

Vocação, termo simbólico construído historicamente que se faz comum à imagem da professora do magistério primário por emitir um significado de missão a ser exercida com zelo, dedicação, doação, este é um conceito que explica as vocações exercidas estrategicamente pelas mulheres. Assim compreendemos que:

[...] o termo vocação é empregado como inclinação, gosto, preferência, predileção por uma atividade, ofício ou profissão. E aqui devemos distinguir desde logo, entre as atividades ou trabalhos que exijam qualidades ou predisposições inatas, as quais repousam sobre predisposições orgânicas-tais como as predisposições das belas-artistas -, as atividades para as quais o gosto se forma no contato social. Quando se diz, assim, que uma criança tem decidida vocação para a música ou para a pintura empregamos o termo no primeiro sentido. Como não se vêm as em si mesmas as pré-adaptações orgânicas que favorecem as práticas das artes, entendemos que o artista, sobretudo o artista criador, seja um predestinado. E daí o emprego até certo ponto justificado, do termo vocação para esses casos LOURENÇO FILHO (2001, p.11-12).

Diferentes pesquisadores ao analisar as relações de gênero na história da profissão docente do magistério primário orientam seus trabalhos com base em diferentes conceitos que tratam dessa profissão segundo as perspectivas de vocação ou predestinação, dentre outros. E em paralelo a isto existem também as características de docilidade, instinto maternal, compreensão, paciência, e outras mais, que se apresentam como inerentes às aptidões das mulheres as quais são apresentadas em estudos como suficientes para justificar o magistério primário como uma profissão apropriada e exclusiva para o sexo feminino.

A História da Educação Brasileira em suas várias nuances, reflete temáticas que nos possibilitam compreender o processo do magistério e como essa profissão foi se caracterizando propicia ao sexo feminino, uma vez que:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O magistério não nasceu como uma ocupação feminina quer no Brasil quer em outros países. Ele se transformou em ocupação feminina carregando em seu bojo um valor peculiar: o de cumprir, estrategicamente, o papel de produzir uma nova forma de organização escolar que surgia com os ideais republicanos. Também, esse magistério carregava o valor de reproduzir a ordem de uma nova lógica da organização do processo de trabalho, emergente no Brasil, condizente com um amplo movimento das sociedades ocidentais, em torno do modo de produção capitalista. O sistema de instrução pública elementar no Brasil, criado no período imperial reproduzia o modo de produção imperial, reproduzia o modo de produção pré-capitalista do trabalho, característico daquele contexto histórico. O governo brasileiro, até aquele momento, não expressava qualquer interesse para com a escola, nem tampouco para com sua função social. CHAMON (2005, p. 43,44).

Estas considerações são algumas das possíveis explicações existentes que foram produzidas socialmente, e reproduzidas pelas relações sociais nos diferentes contextos pelos quais passou a sociedade brasileira, assim todas essas transformações resultaram em diferentes conceitos que tratam atualmente da história do magistério primário com base nas relações de poder que estão imbricadas nas relações de gênero.

De acordo com CHAMON (2005), o magistério não nasceu sendo uma ocupação feminina, mas, que se tornou uma profissão feminina, o que pode ser confirmado se verificarmos na historiografia brasileira a que sexo pertencia os primeiros educadores que por aqui estiveram a registrar as primeiras práticas docentes, pois, vamos constatar que nos primórdios da história, ou seja, no Brasil Colônia, essa prática pertencia exclusivamente aos homens, exercida pelos padres jesuítas, que desenvolviam a prática docente ao passo em que desenvolviam também o ato missionário de evangelizar. Assim, “como complemento ao exercício do ministério, cabia também aos religiosos o magistério, entendido em sentido lato, como ensino da civilização ocidental cristã” KULESZA (2010, p. 127).

Essa afirmativa corrobora para refletirmos atualmente sobre o magistério primário associado a uma concepção de vocação, o que pode ser compreendido no tempo presente ao analisarmos em diferentes momentos do passado, quais foram os acontecimentos elaboradores desse conceito. Podemos observar através da historiografia brasileira as relações de gênero presente nas diversas marcas estereotipadas que acompanham a história das mulheres desde o seu processo de educação até a sua atuação profissional no magistério primário, acompanhado pelas transformações sócio-políticas ocorridas.

O termo vocação por vezes utilizado expressa o seu sentido etimológico (vocação vem de vocatio) que significa chamada, é toda ação desenvolvida através da crença de esta ser uma providência divina, uma chamada especial para determinada tarefa.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Ao ser feita a seguinte indagação: Hilda, para você o magistério primário é uma profissão ou uma vocação? Com muita objetividade ela responde conceituando - o como uma vocação! Tal aspecto pode ser elucidado quando menciona que:

Para minha pessoa, eu vejo como uma vocação, porque eu gosto, e acho que Deus me deu essa missão. Desde criança eu brincava de ser professora, dando aula a minhas colegas que iam brincar comigo. Gosto do magistério. É uma profissão, mas, que precisa ter uma vocação para poder exercê-la (HILDA DE SOUZA, 2011).

Esse depoimento de Hilda de Souza é uma representação social, que pode ser refletida segundo o que LOURENÇO FILHO (2001) trata quando busca desmistificar o sentido de predestinação, que seria a existência de uma vocação para o exercício do magistério. Ainda faremos uso dos estudos desse autor ao darmos continuidade à análise do conceito de magistério primário de Hilda de Souza.

Nos fragmentos de sua fala “desde criança eu brincava de ser professora, dando aulas para as minhas colegas que iam brincar comigo” (HILDA DE SOUZA, 2011), identificamos uma justificativa que seria relevante do seu ponto de vista para se afirmar como professora do magistério primário. Com relação a esta analogia, ou seja, esta relação feita de afinidades presentes nas brincadeiras de quando ainda era criança, para justificar a sua vocação para o magistério primário.

LOURENÇO FILHO (2001) em seus estudos traz uma sólida reflexão sobre isso, quando afirma que não há um dom para a profissão do magistério primário. Neste sentido, o autor faz uma crítica ao se referir ao uso de brincadeiras, quando nos induz a refletir sobre: a menina que brinca de escolinha teria nascido com um dom para o magistério. E por que não se reproduz nos discursos dos pais, que a menina que brinca de panelinha, ou de costura nasceu com um dom para as profissões de cozinheira, ou de costureira, seria porque essas profissões se encontram em patamares menos valorizados ainda que a profissão do magistério primário?

Essas contribuições do autor geram a necessidade de retomarmos os estudos de gênero para aprofundarmos nossa reflexão, ou mesmo para corroborarmos com as suas afirmativas. Para a primeira afirmativa do autor, apontamos e consideramos a forte representação ideológica conduzida universalmente nos discursos familiares e sociais.

A menina que brinca de boneca, que gosta de crianças, e que por isso tem um dom para o exercício do magistério primário, é ainda um discurso atual de muitas professoras por força das relações de gênero/ sexo que ao longo do tempo ditou que mulheres deveriam brincar de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

bonecas e homens de carrinhos, ou seja, é preciso compreender a categoria de análise gênero, além de um conceito comparativo entre homens e mulheres, entendendo-o como representante de comportamentos sociais entre esses dois sexos.

Já com relação a sua segunda afirmativa, é um discurso praticamente inexistente, seja nas relações entre pais, seja na sociedade, e isso é resultado das relações de poder tecidas socialmente e que podem ser explicadas com base num maior aprofundamento da análise dos estudos de gênero. As profissões de cozinhar, costurar, bordar e as demais que são tidas como femininas sempre foram desvalorizadas em nossa sociedade, em primeiro lugar, como já dissemos, por serem consideradas femininas e por isso não tem prestígio social.

Sabemos que as mulheres sempre deixaram as suas contribuições do ponto de vista social e econômico para a sociedade em seus diferentes momentos históricos. Porém, por décadas mantiveram-se a margem da historiografia brasileira. Neste sentido, lembramos SCOTT (1995) em seus estudos sobre a história das mulheres ao refletir sobre o que as mulheres conquistaram no passado, mais temos razão para nos perguntar por que suas conquistas têm sido tão frequentemente esquecidas no presente.

O conceito de vocação de Hilda de Souza, ainda pode ser analisado ao fazermos a leitura de um pequeno texto redigido e proferido por ela em solenidade na festa dos 50 anos da Escola Estadual Fausto Meira onde foi professora, pois, constatamos mais um discurso ideologicamente construído sobre a profissão do magistério primário, como uma vocação a ser cumprida sob a ordem divina. Esse discurso começa a se delinear a partir dos relatos sobre a sua trajetória profissional, bem como, da história educacional do município de São Bento, uma vez que relembra como era organizada e sistematizada essa educação nos anos que antecederam a criação do Grupo Escolar Fausto Meira.

Logo, ao direcionar suas palavras especialmente para esses professores, Hilda de Souza, deixa uma mensagem: “desejo que vocês permaneçam firmes na profissão e na oração. Pedindo a São Sebastião (padroeiro de São Bento) e a Virgem Maria, assim, como ela foi escolhida por DEUS, como anunciadora e educadora dos novos tempos, você professor e professora, dê um pouco de si ao bem de todos os seus alunos, a educação e educação cristã,

não desanimem” (HILDA DE SOUZA, 1999).

Podemos identificar uma analogia que ela faz entre a Virgem Maria (escolhida por Deus para uma missão), e o professor [a] que está a exercer esta carreira por ter uma vocação, um chamado para a mesma. Suas palavras revelam as fortes características religiosas próprias da marca do cristianismo.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Essa resistência ideológica da concepção de magistério primário associada a uma vocação, que está ancorada nas raízes educacionais da História da Educação brasileira, ainda identificada na atual concepção de Hilda de Souza estará relacionada a possíveis imposições culturais adquiridas em sua história religiosa? Tendo ela uma extensa trajetória voltada para as atividades religiosas a serviço da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Milagres do município de Brejo do Cruz-PB, através das atividades próprias do catolicismo, Hilda de Souza, já na sua juventude começa a prestar serviços a essa população, aos fiéis desta paróquia, por meio das diversas responsabilidades a ela atribuídas nessa caminhada.

Vejam algumas de suas “missões” desenvolvidas: iniciou desenvolvendo os cânticos religiosos, sendo a cantora oficial desta igreja e também zeladora do Apostolado da Oração. Encarregou-se por mais de 30 anos pela ornamentação da Igreja para a festa de Coroação da Padroeira. Atuou também como catequista voluntária por mais de 40 anos, preparando as crianças para a primeira comunhão. Recebeu o título de Ministra Extraordinária da Eucaristia, e exercia a solidariedade levando a comunhão aos enfermos em suas casas na cidade de Brejo do Cruz. A apresentação dos cargos que a nossa biografada ocupou na Igreja Católica nos evidencia que o seu lugar de fala é marcada pelos traços do catolicismo. Nesta perspectiva, a concepção de magistério de Hilda de Souza remete a uma concepção cristã do mundo, concebendo esta profissão como uma vocação, como uma missão que deve ser efetuada pelo professor/a independente do esforço que tal atividade possa requerer.

CONCLUSÃO

Analisarmos o conceito de magistério primário de Hilda de Souza foi uma estratégia cujo objetivo, é reforçar que esse conceito faz parte de um universo cultural oscilante, uma vez que, por traz desse conceito de *vocação* existem particularidades históricas e sociais produzidas e reproduzidas ao longo do tempo, que contribuíram para a formação de sua identidade profissional.

Os estudos de gênero para essa análise nos permitem refletir o porquê da memória coletiva não colocar em evidência nos registros da historiografia brasileira que o conceito de vocação associado à docência do magistério primário, tem suas raízes na origem da História da Educação brasileira, desmistificando assim, que o conceito de vocação foi criado e reproduzido pelas mulheres. Neste sentido, poderia se pensar que esse conceito de vocação teria sido elaborado historicamente pelas mulheres, em uma sociedade, cujas memórias foram silenciadas diante de um sistema patriarcal, em que suas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

vozes inexistiam em razão do fator biológico do sexo, que as caracterizava como frágeis, e determinava serem submissas aos homens?

Essa, é a impressão que fica ao nos depararmos com estudos que se apoiam no conceito de vocação como identidade da profissão docente, bem como, quando utilizam para justificar a feminização do magistério primário, não revelando que foram os homens, os elaboradores e precursores desse julgamento de vocação para o exercício da prática docente, conforme vimos anteriormente com base em alguns períodos históricos.

Conforme pudemos identificar, a concepção de magistério representada por Hilda de Souza está arraigado na ideia do ser professor/a enquanto uma vocação. Tal concepção reflete o pensamento do contexto no qual nossa depoente esteve inserida no recorte temporal ao qual nos reportamos no presente estudo. Logo, o desenvolvimento de um estudo que tem como norte a memória, nos evidenciam que o processo de rememoração é um ato complexo que remete ao estudo das sensibilidades humanas, capaz de trazer à tona uma rede experiências que embora tenham sido construídos em determinados momentos da história de um indivíduo, carregam em seu bojo, outras vozes que também tecem a trama da história desse indivíduo, uma vez que as experiências são produzidas em uma rede de sociabilidade, constituindo-se assim coletivamente.

Conforme postula BOSI (1999), a memória possui um recorte temporal que é acionado no ato de lembrar permitindo que o sujeito atribua significados aos fatos que vivenciou, os quais anos depois retomam com o olhar de hoje. Desse modo, ao acionar a memória de Hilda de Souza nos reportamos a um conjunto de práticas docentes exercidas por ela, bem como, nos foi possível traçar essa reflexão sobre como foi se constituindo a concepção do magistério primário historicamente.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da história*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes históricas, 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ALMEIDA, J. S. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: UNESP, 1998.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu fim. In: BURKE, Peter. A Escrita da História: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo. UNESP, 1992.

CORDEIRO, Jr., Raimundo Barroso. História da História ou da historiografia como história social. In: SÁ, Ariane norma de Menezes. SERIOJA, Mariano (orgs.). Histórias da Paraíba: autores e análises historiográficas sobre o século XIX. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2003.

CHAMON, Magda. *Trajetória de Feminização do Magistério: ambiguidades e conflitos*. Belo Horizonte: autêntica/FCH-FUMEC. 2005.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstron. A formação de professores: da Escola Normal à Escola de Educação. In: Lourenço Filho, Ruy (org). Coleção Lourenço Filho. Brasília: Instituto Nacional de estudos e pesquisas educacionais, 2001, 125. p. : v. 4.

LORIGA, Sabine. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MEHY, José Carlos Sebe B. HOLANDA, Fabiola. *História Oral: como fazer e pensar*. Contexto, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, Kedna Karla Ferreira da. *Memória entre papeis: tessitura das práticas docentes de Hilda de Souza (1948-1953)* / Kedna Karla Ferreira da Silva- João pessoa, 2012. Orientador WOJCIECH, Andrzej Kulesza. Dissertação (Mestrado) – UFPB/PPGE.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. In: Educação & realidade. Porto Alegre, v.20, n.2. jul/dez, 1995. p. 71-99.

WOJCIECH, Andrzej Kulesza. Os Seminários como locais de formação docente. IN. CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. WOJCIECH, Andrzej Kulesza (orgs). A Escola e a Igreja nas Ruas da Cidade. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.